



À SOMBRA DO PASSADO

APESAR DOS AVANÇOS E DE RELATIVA ABERTURA AO TRABALHO DA MÍDIA ESTRANGEIRA, CORRESPONDENTES E ENVIADOS À CHINA PODEM ENFRENTAR A HERANÇA DE TEMPOS MAIS DIFÍCEIS. EIS A ÚLTIMA REPORTAGEM DA SÉRIE DE **IMPRENSA**

POR RODRIGO MANZANO
DIRETOR EDITORIAL

FOTOS: PYA LIMA
COLABORAÇÃO PARA IMPRENSA

ENVIADOS A PEQUIM, CHINA



VIGILÂNCIA
SOLDADO OBSERVA
VISITANTES NA
PRAÇA DA PAZ
CELESTIAL, EM PEQUIM

Possivelmente, “As viagens”, de Marco Polo, é o mais antigo relato ocidental sobre as longínquas terras do oriente. O navegador veneziano confiou a Rustichello de Pisa a missão de escrever sua epopeia pessoal, relatada ao escritor quando juntos os dois estiveram presos, no final do século XIII. O relato é tão fascinante, e por vezes fantasioso, que “Il Milione”, um dos nomes pelo qual a obra foi conhecida, passou a designar, durante muito tempo, “lorota” ou “mentira”, apesar do prefácio de Rustichello de Pisa afirmando: “Há coisas, sem dúvida, que ele não viu, mas ouviu de homens sinceros e verdadeiros. Por isso, nos referimos a coisas vistas por vistas e ouvidas por ouvidas, para que nosso livro seja verídico, sem mentiras nem enganoso”.

Marco Polo, por que não, foi o primeiro correspondente estrangeiro em território chinês e, passados seis séculos da sua jornada e de seu relato, a China torna-se um dos epicentros jornalísticos do mundo. De Pequim, os jornalistas acompanham os mais sutis movimentos do governo central. De grandes cidades como Xangai e Shenzhen, polos econômicos, enviam-se informações financeiras e comerciais. O último documento oficial do Ministério das Relações Exteriores da China, de 2005, apontava a presença de 245 veículos jornalísticos e 425 correspondentes, de 44 países. Hoje esse número deve ser muito maior, tanto quanto maior é o interesse pela China ao redor do mundo.

Apesar de significativas mudanças e da abertura econômica que já completou 30 anos, com o governo de Deng Xiaoping, trabalhar como correspondente na China ainda requer jogo de cintura, paciência, diplomacia e a ajuda de tradutores e assistentes. São comuns os relatos de intimidação, dificuldades em marcar entrevistas, perseguição a fontes e monitoramento do trabalho dos correspondentes e seus auxiliares, bem como de fontes. De um lado, os repórteres se queixam da burocracia imposta pelo governo. De outro, o governo reclama que nem sempre os jornalistas estão dispostos a entender claramente as questões chinesas, ao produzir reportagens tendenciosas ou distorcidas.

“Muitos jornalistas estrangeiros não percebem as grandes mudanças que passamos nas



ZHU SHOUCHEN



YIN YUNGONG



XU HONG

últimas décadas”, afirma Zhu Shouchen, secretário executivo da All-China Journalists Association, entidade oficial que congrega todos os profissionais do país. “Não estou dizendo, com isso, que o ambiente é perfeito e que não há coisas que precisam melhorar”, afirma. Para Shouchen, um dos principais problemas é que o governo central flexibilizou o trabalho da imprensa estrangeira, mas nem sempre oficiais menos graduados entendem que isso seja importante. “Para ser franco, não é algo do governo, mas dos próprios entrevistados que não têm experiência. Essa é uma razão pela qual os jornalistas estrangeiros reclamam do trabalho aqui na China”, diz. Yin Yungong, titular do Instituto de Jornalismo e Comunicação da poderosa Academia Chinesa de Ciências Sociais, afirma que os correspondentes estrangeiros “precisam apenas dizer o que realmente a China é”.

8 DICAS PARA LAOWAIS* ★★ ★

O que os jornalistas estrangeiros em trabalho na China devem saber

一 Conheça a cultura e as regras locais

Familiarizar-se com costumes e hábitos e ter intimidade com as regras para o trabalho da imprensa ajudam a evitar problemas e esquivar-se de eventuais tentativas de intimidação.

二 Carregue sempre documentos e meios de contato com autoridades

Oficiais podem solicitar documentos a qualquer momento. Esteja sempre com eles, assim como de telefones úteis, como o do assessor de imprensa da embaixada de seu país.

三 Tenha um intérprete permanente

Caso não seja fluente em chinês, não abra mão de um intérprete. Ele será útil tanto nas questões do cotidiano como na resolução de eventuais conflitos ou abordagens.

四 Redobre a atenção ao entrevistar dissidentes

Não exponha fontes contraditórias ao governo e saiba que os telefones delas podem ser monitorados; evite, portanto, nomes de autoridades e palavras polêmicas nas conversas.

五 Resguarde seus assistentes ou intérpretes

Muitas vezes, o alvo de pressão dos oficiais são os intérpretes ou assistentes. Não os submeta a nenhuma situação que seja ilegal ou contrária aos princípios estabelecidos pelo governo.

六 Traduza cartões, credenciais ou cartas oficiais

Documentação em idioma estrangeiro pode não ter validade porque não será entendida. Tenha cópias traduzidas de sua carteira de jornalista, de credenciais ou autorizações oficiais.

七 Seja cauteloso ao fazer perguntas sensíveis

É possível fazer quase todas as perguntas às fontes, mas frequentemente não se recomenda fazê-las de modo direto. Exercite a sutileza do diálogo e use linguagem amistosa.

八 Sob qualquer risco, comunique as autoridades e ONGs

Se você se sentir ameaçado, tome medidas simples, como troca de chips de celulares ou firewalls em computadores e comunique as autoridades oficiais e ONGs.

* Estrangeiros, em chinês

Fontes: Apuração IMPRENSA e Clube dos Correspondentes Estrangeiros na China (FCCC).

DIFICULDADES

Dizer o que é a China pode ser trabalhoso, no entanto. A repórter da TV Globo Sonia Bridi, que ficou dois anos em Pequim com seu marido, o cinegrafista Paulo Zero, e escreveu o livro “Laowai” (Ed. Letras Brasileiras), relata que a maior dificuldade é o acesso às fontes. “As pessoas têm medo de falar. Elas têm pavor de falar, porque sabem das consequências. Quando o medo domina uma sociedade, o jornalista é visto como inimigo inclusive pelos oprimidos.” Para ela, “o comportamento deles com relação à imprensa muda de acordo com os interesses imediatos”. A visita de um presidente ocidental, a Olimpíada ou grandes eventos são exemplos pontuais de abertura. Mas, afirma Sonia, “a mão que abre fecha muito rápido”.

Outra correspondente brasileira na China é Cláudia Trevisan, pelo jornal *O Estado de S. Paulo* desde 2008. Cláudia, que já foi correspondente da *Folha* em Pequim entre 2004 e 2005, escreveu dois livros sobre a experiência (“China, o renascimento do império”, Editora Planeta, e “Os Chineses”, Editora Contexto). Para Cláudia, apesar de beneficiados com mais abertura e liberdade em comparação aos profissionais chineses, os jornalistas estrangeiros encontram dificuldades e enfrentam tentativas de cerceamento do trabalho da imprensa, “o que se faz normalmente de maneira direta ou por meio do ataque a assistentes chineses contratados pelos correspondentes”, relata. Vários incidentes são periodicamente relatados pelo Clube dos Correspondentes Estrangeiros na China (FCCC), uma entidade independente que reúne os jornalistas estrangeiros que atuam em território chinês.

Sobre os chineses que repetidamente afirmam que os estrangeiros não entendem a China, Cláudia afirma que “é um argumento que tenta desclassificar os autores das críticas, mas não rebate sua substância”. Para a correspondente, os chineses também não compreendem que o papel da imprensa é justamente esse, e que os veículos criticam também os governos de seus próprios países, “muitas vezes com uma contundência que valeria alguns anos de prisão na China”, lamenta.

Entre avanços e recuos, a contradição entre a realidade da China e a percepção projetada pelos correspondentes fica tão mais evidente quanto mais complexa ou delicada for a pauta. Tibet, dissidentes políticos, estatais chinesas ou setores estratégicos, como energia e área militar, são temas praticamente impossíveis aos jornalistas



JOHN MILLIGAN-WHYTE



PETER FISCHER

estrangeiros. O correspondente econômico Peter Fischer, do *Neue Zürcher Zeitung*, jornal suíço publicado em alemão e fundado em 1780, um dos mais antigos do mundo, resume seu trabalho de maneira precisa: “economia é economia em qualquer lugar, mas aqui na China é diferente”. Fischer, que foi correspondente por 17 anos na Rússia e está há três em Pequim, lamenta as dificuldades frequentes na sua editoria: falta transparência no sistema político, há poucas companhias privadas e é difícil falar com as estatais.

John Milligan-Whyte, presidente do conselho da America-China Partnership Foundation, no entanto, critica o trabalho da imprensa estrangeira e afirma que muitos correspondentes não reconhecem que “a China não está jogando um jogo” e que é preciso olhar de maneira diferente para os países em desenvolvimento. A missão de sua entidade é estimular as parcerias entre os dois países, “explicando ao mundo o quanto se renova a imagem da China”.

COLETIVA

IMPRENSA entrevistou Fischer e Milligan-Whyte em uma coletiva promovida pela All-China Journalists Association para a qual foi convidada. O encontro mensal se chama “Press Salon” e é uma forma de pôr em contato fontes oficiais e repórteres estrangeiros. Na primeira coletiva do ano (em janeiro de 2010), onde compareceram 75 pessoas, o tema foi o cenário econômico para o ano que começava e o entrevistado, Zhu Bao, do Centro Nacional de Informação. Na pauta, a possível flutuação do yuan frente ao dólar, fato que só seria sinalizado pelo mercado seis meses depois. Apesar da abertura para perguntas, o confronto direto foi evitado.

O mais experiente jornalista brasileiro em território chinês é Jayme Martins. Ele esteve

na China em dois momentos, entre 1962 e 1979 e de 1987 a 1989, e atuou para veículos como *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, Agência Estado, *Jornal da Tarde*, Rádio Eldorado, Rádio Guaíba e SBT. A cobertura dos incidentes da Praça da Paz Celestial em 1989 lhe rendeu o Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, promovido pela IMPRENSA, em 1990. Martins pondera os conflitos. Segundo o veterano repórter, a tensão decorre, “em parte, por culpa dos chineses, pouco acostumados ao trato com jornalistas estrangeiros; por outro lado, é preciso considerar também a inabilidade de muitos jornalistas estrangeiros no trato com as partes chinesas, além de as entrevistas se processarem através de traduções nem sempre felizes, de parte a parte”.

Jayme Martins entende, diferentemente de Sonia Bridi e Claudia Trevisan, que as mudanças vão melhorar as relações entre correspondentes e fontes chinesas. “Não apenas o desenvolvimento econômico, mas a evolução da China em múltiplos aspectos ao longo dos últimos 35 anos tem contribuído para que o governo e as diferentes partes da mídia chinesa tenham melhor relacionamento com a mídia estrangeira”, diz. Xu Hong, vice-reitora e professora da Escola de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Pequim, afirma que “os profissionais ocidentais precisam trabalhar mais para entender a China e chegar mais perto da verdade”.

Logo se vê que era mais fácil ser Marco Polo no século XIII. **i**



VEJA MAIS

No www.imperiodomeio.com.br é possível conhecer os bastidores das reportagens, ver outras fotos e ler todas as matérias da série de IMPRENSA. Veja também as íntegras das entrevistas com os correspondentes Sonia Bridi, Claudia Trevisan e Jayme Martins.